

# Lenira Carvalho e os mundos do trabalho

Ao longo de sua vida, Lenira Carvalho se dedicou à luta para que o trabalho doméstico fosse reconhecido como profissão e tivesse seu valor social respeitado. Nesse processo, percebeu que, para alcançar esses objetivos, era necessário conquistar direitos trabalhistas para a categoria e garantir as condições para que esses direitos fossem cumpridos. Além da garantia dos direitos trabalhistas, também era necessário que as empregadas domésticas fossem respeitadas como pessoas, trabalhadoras e cidadãs. No livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, ela compartilha que houve mudanças em relação à conquista de direitos, mas o cumprimento desses direitos continua sendo um grande desafio e a discriminação e a cultura que existem em relação ao trabalho doméstico ainda não mudaram. Por que será que esse trabalho é tão desvalorizado, quando, como nos lembra Lenira, “o trabalho doméstico é muito mais que lucro, ele gera vida”?

Questionamentos semelhantes a esse foram feitos ao longo da pandemia da Covid-19. Uma das estratégias de enfrentamento para conter a propagação do vírus, quando ainda não havia vacinas, foi o isolamento social. Como não era possível parar todas as atividades humanas que fazem uma sociedade funcionar, em todo o mundo se discutiu quais eram os trabalhos essenciais. Ou seja, quais eram aqueles trabalhos indispensáveis para o funcionamento de qualquer cultura, economia e organização política, e que, portanto, não podiam parar. É irônico pensar que, entre os trabalhos considerados essenciais, estavam trabalhos muito desvalorizados, como os trabalhos que geram vida, para além de lucro. Não foi possível parar de dar à luz e de cuidar de crianças, de pessoas idosas, doentes, ou de amigos e familiares, de manter lares e comunidades em funcionamento, de produzir e preparar alimentos, de limpar os nossos resíduos, de garantir o transporte de alimentos, remédios e pessoas etc. Mas, se são essenciais, por que esses trabalhos estão, normalmente, entre os mais desvalorizados? Por que estão entre os mais mal pagos e com as piores condições para sua execução? Quem são as pessoas que realizam normalmente esses trabalhos? Quais são as suas identidades de gênero, raciais e em que estratos da sociedade estão posicionadas?

Quando olhamos para a organização do trabalho na nossa sociedade, percebemos que ele não é um bloco coeso no qual mulheres e homens, pretos e brancos, ricos e pobres recebem remuneração proporcional às suas funções e à quantidade de trabalhos que realizam. O mundo do trabalho é organizado pelos sistemas capitalista, patriarcal e racista, o que cria, a partir da exploração e da dominação de umas pessoas em relação a outras, diferentes mundos do trabalho.

Vivemos uma divisão entre classes sociais na qual uma minoria, que detém ou controla os meios de produção de bens e de serviços (dinheiro, terra, equipamentos, matérias-primas, tecnologias, titulações etc.), enriquece a partir da exploração do que é produzido pela maioria trabalhadora, que vive a partir da venda de sua força de trabalho. Vivemos uma divisão sexual do trabalho na qual certas atividades são atribuídas historicamente aos homens e outras às mulheres e, nesta divisão, os trabalhos considerados masculinos são mais valorizados que os considerados femininos. E vivemos, também, uma divisão racial do trabalho, que mantém uma ligação direta com o período de escravidão no país, cujos trabalhos são divididos entre brancos e não brancos. E basta observar quem são, na maior parte das vezes, as pessoas com cargos mais altos e valorizados para perceber que o prestígio e o poder econômico estão concentrados nas mãos da população branca.

Um olhar para o lugar que o trabalho doméstico remunerado ocupa na nossa sociedade nos ajuda a pensar sobre tudo isso, ou seja, sobre como os trabalhos que realizamos estão distribuídos com base em desigualdades de gênero, raça e classe social. Isso implica não apenas na distribuição desigual do valor que damos a esses trabalhos, mas também no valor dado às pessoas que os exercem. A desvalorização de certos trabalhos caminha lado a lado com o estigma vivido pelos grupos sociais que exercem essas funções.

O trabalho doméstico remunerado no Brasil é realizado majoritariamente por mulheres, de classes populares e pretas. Para entender a desvalorização que ele sofre, é preciso olhar, como já falamos, para as heranças que o país ainda guarda do período da escravidão, quando os

trabalhos braçais eram realizados pela população negra e indígena escravizada e entendidos como de menor prestígio. Entre esses trabalhos, estava também o cuidado da casa, da alimentação, das crianças e idosos das famílias de elite, realizado por mulheres negras escravizadas. Em *A luta que me faz crescer e outras reflexões*, Lenira Carvalho chama atenção para o fato de que até para outras categorias de trabalhadoras de classes populares é necessário provar que o trabalho doméstico é também um trabalho e é um trabalho tão digno quanto qualquer outro. Isso está relacionado a outra faceta da desvalorização do trabalho doméstico: a sua associação com as mulheres e a ideia de que são tarefas naturalmente femininas, realizadas com amor e que não envolvem grande complexidade. No cotidiano de muitas famílias, esse trabalho é simplesmente invisível. Ele é essencial para que tudo funcione, mas não é visto por quem não o realiza.

A discussão sobre a divisão e hierarquização entre “trabalhos femininos” e “trabalhos masculinos” nos ajuda a pensar na própria concepção que temos sobre o que é trabalho. Trabalho é toda atividade que cria o mundo em que vivemos e, no sistema capitalista, é a forma de riqueza enquanto produção de bens e serviços. Quando dizemos que o trabalho cria o mundo em que vivemos, não estamos falando apenas de prédios, carros ou dos outros bens que consumimos, mas também de todas as condições de manutenção do nosso cotidiano, da transmissão da cultura, dos alimentos, da criação de seres humanos, entre outras. Essas atividades normalmente não são entendidas como trabalho, mas se as pessoas que limpam as casas, cuidam das crianças e dos idosos e produzem a comida simplesmente parassem de trabalhar, como o resto do mundo, e inclusive os outros trabalhos, poderiam continuar funcionando? Essa é uma reflexão importante para entendermos como as diferentes atividades que desempenhamos na vida estão muito mais interligadas do que aparentam e que a desvalorização de certos trabalhos está ligada às

condições históricas de construção da sociedade em que vivemos e não da suposta falta de importância desses trabalhos para as nossas vidas.

Por meio do trabalho também criamos a nós mesmas e construímos as nossas identidades. O trabalho pode ser fonte de criatividade e realização para algumas pessoas, mas pode ser apenas uma experiência de exploração e aprisionamento para outras, numa sociedade em que algumas pessoas podem definir com o que trabalham e outras não. Para que algumas pessoas possam escolher não fazer certos trabalhos, é preciso que outras os realizem por elas. Dessa forma, a divisão do trabalho na sociedade produz desigualdades por meio da exploração, quando a produção da riqueza, a capacidade das trabalhadoras e o uso de seu tempo são apropriados por outros sujeitos, empresas ou instituições, que detêm os lucros gerados pelo trabalho dessas pessoas. Com o trabalho doméstico remunerado também é assim. As classes mais ricas liberam seu próprio tempo para fazer outras atividades, contratando pessoas com baixos salários para cuidar das suas casas ou das suas filhas. A invisibilidade, a desvalorização e as origens históricas desse trabalho fazem com que ele seja realizado por mulheres pobres que muitas vezes não tiveram acesso a outras possibilidades nos mundos do trabalho remunerado.

Será que o entrelaçamento entre gênero, raça e classe que marca o trabalho doméstico remunerado nos ajuda a explicar por que essa categoria de trabalhadoras demorou tanto tempo para ter seus direitos equiparados legalmente aos de outras categorias? Será que ele pode nos auxiliar a compreender que a luta das domésticas, como nos lembra Lenira Carvalho, não é só por direitos, mas também pelo reconhecimento social do trabalho doméstico? Pensar sobre esse entrelaçamento pode nos ajudar a entender por que as lutas das trabalhadoras são mais do que conflitos por direitos trabalhistas, mas são também por cidadania.

